

## Dear White People: Cinematografia, Aspectos Plásticos e Percepção<sup>1</sup>

Camila Raphaela Peres Mancio<sup>2</sup>

Juliana Carneiro Virgolino<sup>3</sup>

Anuschka Reichmann Lemos<sup>4</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar as estratégias utilizadas no campo técnico da cinematografia para evidenciar a representação do negro enquanto personagens de destaque na série *Dear White People*, produzida em 2017, por Justin Simien, pela Netflix. Para isso, a predominância de ângulos, profundidade de campo e cores foi verificada em seis sequências. Para três delas foi desenvolvida uma análise aprofundada, levando em consideração suas nuances, significados e produções de sentido a partir dos estudos de Martine Joly, Boris Kossoy, Eva Heller e Gomes Filho, autores que trabalham o potencial imagético a partir de suas especialidades.

**Palavras-chave:** Dear White People; Cinematografia; Produção de sentidos; Representatividade.

### Introdução

Com a consolidação dos serviços de *streaming*<sup>5</sup> oferecidos pela Netflix, que em 2017 superou a marca de 90 milhões de usuários<sup>6</sup>, as *webséries* vem ganhando cada vez mais força, principalmente as produções originais da organização. Esse é o caso de *Dear White People*, série estadunidense lançada também neste ano, com um elenco formado sobretudo por jovens negros, que interpretam estudantes de uma Universidade Norte Americana.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: cpmancio@alunos.utfpr.edu.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: julianavirgolino@alunos.utfpr.edu.br

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Organizacional da UTFPR, email: anuschkaemos@utfpr.edu.br

<sup>5</sup> *Streaming* é uma tecnologia que envia informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores.

<sup>6</sup> Dado retirado do Jornal Estadão. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,netflix-ganha-7-milhoes-de-usuarios-no-quarto-trimestre-de-2016,70001633441> Acesso em 7 de julho de 2017.

Nesse sentido, uma das características mais fortes nesse produto audiovisual é a representação da pessoa negra, que se faz de uma forma distinta da maior parte das produções do continente americano. Tendo em vista as dramaturgias produzidas tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, é possível observar que as pessoas negras são representadas em sua maioria, como coadjuvantes. Os elencos dos filmes e novelas são compostos por uma pequena parcela de atores negros que, na maioria das vezes, são colocados em posição de vulnerabilidade social - empregados, escravos e presidiários.

Um exemplo é a série “*Orange is the New Black*”, produzida pela Netflix em 2013, que se passa em uma penitenciária feminina e enquadra as presidiárias negras de maneira estereotipada, enfatizando suas posições de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, apresentando-as como perigosas e agressivas. Enquanto isso, a protagonista da série que é branca, é representada como delicada e angelical. Dessa maneira, apesar de ter um elenco majoritariamente formado por personagens negros, essa série ainda reproduz estereótipos racistas.

Em contrapartida, *Dear White People* apresenta uma narrativa satírica, que aborda o racismo de forma singular e problematiza até mesmo nuances da própria militância negra. Dentro de sua proposta é evidente a escolha de alguns elementos plásticos para corroborar o discurso proposto, como cor, ângulo e profundidade de campo também são fatores essenciais para a produção de sentidos e, assim, promover um novo olhar a respeito da representação de pessoas negras nas produções midiáticas.

A escolha desse objeto de estudo se justifica por dois motivos. Primeiro, por discutir como as escolhas plásticas reforçam sentidos de um discurso. Segundo, por analisar a força simbólica que esses elementos podem ter na representação como tentativa de destacar uma população historicamente excluída da indústria cultural e retratada, na maioria das vezes, a partir de estereótipos. “A representação negra sempre existiu, porém de maneira estereotipada, episódica, momentânea, problemática e pouco digna” (Cogo e outros, 2010). Para Cogo e outros (p.21, 2010), nas novelas, séries e filmes, a representação é feita de forma que não apresenta uma visão pluralista da pessoa negra na dramaturgia e acaba por englobar um grupo heterogêneo em um mesmo personagem, de forma homogênea.

Para o desenvolvimento deste artigo, foram definidas as seguintes etapas: 1) Pesquisas teóricas sobre o tema abordado e artigos com temáticas semelhantes para embasamento do

conteúdo; 2) Análise do objeto do estudo, principalmente por sua relevância em relação às técnicas cinematográficas utilizadas; 3) Seleção de seis cenas, considerando a predominância de ângulo, cor e profundidade de campo; 4) Análise aprofundada de três cenas.

### Contextualização de *Dear White People*

“*Dear White People*”<sup>7</sup> é uma adaptação do filme homônimo, lançado em 2014, dirigido pelo mesmo diretor: Justin Simien, com Cinematografia de Topher Osborn - indo ao ar no dia 28 de abril de 2017, na Netflix. A série gira em torno da rotina dos estudantes, levantando questões como: pluralidade de representações; racismo estrutural e institucional; apropriação cultural; colorismo; militância e relacionamentos interraciais.

Ela é composta por dez episódios que dão ênfase para a realidade de seis estudantes da Universidade de Winchester nos Estados Unidos da América: *Samantha White* (Logan Browning), *Troy Fairbanks* (Brandon P Bell), *Colandrea Conners* (Antoinette Robertson), *Lionel* (DeRon Horton), *Reggie* (Marque Richardson) e *Gabe Mitchell* (John Patrick Amedori) - Cada episódio é narrado pelo ponto de vista de um personagem, sendo que alguns deles possuem mais de um episódio.

A narrativa se inicia com a apresentação de um programa de rádio intitulado como *Dear White People*, criado por *Samantha White*, que problematiza as atitudes racistas vividas em sua rotina acadêmica. A estudante cursa audiovisual e é integrante da estação de rádio estudantil da Universidade de Winchester.

O personagem *Troy Fairbanks* é o filho do reitor da universidade e luta pelo direito dos estudantes de maneira institucional, por vias burocráticas. No entanto, sua militância é questionada ao decorrer da narrativa, pois o acadêmico, que concorre às eleições do conselho estudantil, utiliza um discurso pouco ético - no qual se compromete a resolver problemas dos diferentes grupos étnicos presentes na universidade, com a finalidade de conquistar votos.

*Colandrea* é uma jovem que busca aceitação na universidade e tenta se encaixar em diversos grupos e entidades para alcançar popularidade dentro do campus. A sua realidade é distinta dos demais protagonistas, pois é a personagem que apresenta maior vulnerabilidade

---

<sup>7</sup> A série foi traduzida no Brasil para *Cara gente branca*.

socioeconômica na instituição. *Já Lionel* é estudante de jornalismo, com fortes dilemas sobre sua orientação sexual, seus episódios se divergem entre a militância e seus próprios dilemas.

Enquanto *Reggie* divide sua narrativa entre a paixão platônica por *Samantha* e a participação no movimento negro. *Gabe Mitchell*, o único estudante branco entre os protagonistas listados e namora *Samantha White*.

O racismo, já no primeiro episódio, é colocado em pauta dentro da universidade, pela promoção de uma festa intitulada como “*Black Face*”, em que diversos estudantes brancos se caracterizam como pessoas negras - por meio de pinturas corporais; perucas; e ornamentos. Ações que, além de ridicularizar uma cultura, reforçam estereótipos em um tom pejorativo.

### Aspectos metodológicos e teóricos

Os aspectos plásticos que serão analisados nas sequências<sup>8</sup> a seguir em *Dear White People* podem ser capazes de proporcionar uma perspectiva de valorização das pessoas negras. Com isso, para a escolha das sequências, foi necessária uma observação dos episódios, com o objetivo de buscar elementos que chamassem a atenção dentro da cinematografia.

Para tanto, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (AC), em que foi verificada a significância atribuída aos elementos dentre os aspectos estéticos que mais se repetiram. A AC nos permite analisar e comparar inferências presentes nas narrativas que indicam atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos. (BAUER, 2013). Em conformidade com Marconi e Lakatos (2013), um método utilizado foi o de análise comparativa, com a finalidade de encontrar semelhanças e explicar diferenças entre casos.

É importante ressaltar que, apesar de todas as sequências possuírem diferentes ângulos, tons e profundidades, esta pesquisa levou em consideração a predominância de cada aspecto, ou seja, os elementos mais relevantes de cada análise.

Para escolher as sequências, foi levado em consideração a predominância de cores, ângulos e profundidade de campo, fatores relevantes para a proposta de analisar os aspectos plásticos de *Dear White People*. As seis cenas analisadas acontecem dentro da sala de reunião

---

<sup>8</sup> As sequências analisadas foram: 12:01-16:11 - ep 1; 9:20-9:30 - ep 2; 9:51-9:53 ep 3; 0:60-2:20 ep 4; 3:50-7:50 ep 7 e 20:12-21:51 ep 7.

de uma fraternidade universitária, pois nesses momentos fica mais evidente a relação dos elementos estéticos presentes com a construção da personalidade dos personagens.

Nesse sentido, das seis sequências analisadas, cinco delas possuem cenas marcantes gravadas com ângulo *contra-plongée* e uma com ângulo normal. A alta profundidade foi identificada quatro vezes e a baixa apenas duas, como ilustrado na tabela 1. Em relação às cores, é notável a presença de tons terrosos - predominante em todas as sequências analisadas.

Subcategorias predominantes		C1	C2	C3	C4	C5	C6	Total
Ângulo	Plongée							0
	Contra - plongée	x	x	x		x	x	5
	Normal				x			1
Profundidade de campo	Alta profundidade	x	x	x			x	4
	Baixa profundidade				x	x		2
Cores	Tons Pasteis							
	Tons Terrosos	x	x	x	x	x	x	6
	Tons Acinzentados							

**Tabela 1** - Fonte: Elaborada pelas próprias autoras.

Para uma maior compreensão do potencial dessas cenas, foi necessário um embasamento com as teorias de Joly (2006), Kossoy (1999), Heller (2013) e Gomes Filho (2015). Em sua obra *Introdução a Imagem*, Joly analisa a produção de sentidos na fotografia. “A utilização das imagens generaliza-se de fato e, quer as olhemos quer as fabriquemos, somos quotidianamente levados à sua utilização, decifração e interpretação.” (JOLY, 2006, p.9). Em outras palavras, a representação é criada a partir de um conceito técnico e cultural.

Joly (2006) também diferencia os elementos plásticos e icônicos dentro da fotografia., ainda que neste artigo, sua contribuição se dá dentro da cinematografia. Os elementos icônicos são aqueles observados em cena, ou seja, aquilo que os signos podem representar. Segundo Joly (2006, p.42) as cores, formas, composição interna e textura compõe os elementos plásticos.

Kossoy (1999) também foi essencial para essa produção, pois o autor trabalha com a representação e produção de sentido dentro da fotografia. De acordo com Kossoy (1999, p.42), a produção da obra fotográfica diz respeito ao conjunto dos mecanismos internos do processo de construção da representação, as quais constroem e materializam a estética/mundo pelo ponto de vista do fotógrafo.

Heller (2013) aborda a relação das cores com os sentimentos, trazendo as cores como experiências universais enraizadas na linguagem cultural e no pensamento de maneira quase imperceptível. Essa abordagem foi essencial, visto que dentro da série a presença dos tons terrosos é um elemento de destaque.

Por esse fato, foi necessária uma pesquisa em relação à autores que abordam a *Teoria da Cor*. Um fato interessante que foi observado é que a cor marrom é pouco citada dentro dos livros dos autores pesquisados - o que pode ter relação com o fato de que os tons terrosos são vistos, na maioria das vezes, como tons inadequados e desagradáveis, como será discutido a diante. De acordo com uma pesquisa<sup>9</sup> realizada por Heller (2013, p.471), apenas 1% das pessoas entrevistadas elencaram o marrom como cor predileta.

Para Guimarães (2011), a compreensão do fenômeno cor depende da cultura em que está inserido, levando em consideração que há raízes e universais que compõem as regras ao uso da cor. Dessa maneira, tanto para Heller quanto para Guimarães, apesar dos aspectos culturais que envolvem a cor, as vertentes universais devem ser levadas em conta.

Ainda, segundo a pesquisadora, dentre as cores que mais desagradam, o marrom está listado em primeiro lugar nas categorias: feio, antipático, não erótico, intragável, ácido e amargo. Portanto, é possível observar que essa cor é raramente apreciada. “Já na Idade Média o marrom era considerado a cor mais feia. Marrom era a cor das roupas dos pobres, dos camponeses, escravos, servos e mendigos” (HELLER, 2013, p.479).

Além da *Teoria das Cores*, a *Gestalt* também foi pensada para a construção desse trabalho. Na perspectiva de Gomes Filho (2015), fatores como equilíbrio, clareza e harmonia visual são indispensáveis para a construção de sentidos de imagens. “Como se sabe, os exemplos dos estudos e experimentos realizados pelos psicólogos da *Gestalt* tratam todos estes conceitos de percepção visual da forma, predominantemente, por meio de exemplificações e abstrações sob a forma [...]” (GOMES FILHO, 2015)

Como suporte para a análise, considerou-se discussões de Bauer (2013), Marconi (2003) e Martini (2003) os quais trouxeram um aporte metodológico e o repertório técnico, possibilitando averiguar o potencial imagético das sequências escolhidas.

## **Análise das sequências**

---

<sup>9</sup> Para essa pesquisa, Heller (2013) contou com a opinião de mais de 2000 pessoas de 14 a 97 anos, na Alemanha.

Antes de analisar as sequências, é necessário abordar questões técnicas da cinematografia, pois a imagem tem um papel fundamental na produção de sentido, sendo que, até mesmo a escolha da lente utilizada interfere na construção de um olhar. “[...] a câmera pode provocar no real em estado bruto: a mudez do cinema antigo, o papel não realista da música e das iluminações artificiais, os diversos tipos de planos e de enquadramentos, os movimentos de câmera, o retardador, o acelerado, todos os aspectos de linguagem fílmica [...]” (MARTIN, 2003, p. 31)

Ainda segundo este autor, no *plongée*, o assunto é fotografado de cima para baixo com a câmera posicionada na altura do olho, e no *contra-plongée* o inverso. Para Martin (2003), o *contra-plongée* dá a impressão de superioridade, de exaltação e triunfo, porque engrandece os indivíduos e tende a magnificá-los. Ainda, pelo viés do autor, o *plongée*, tem a tendência de tornar o indivíduo menor, esmagando-o moralmente ao colocando-o ao nível do solo.

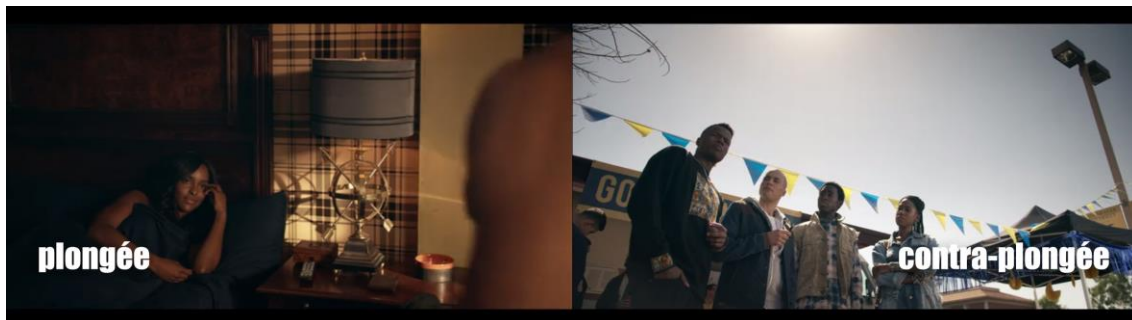


Figura 1 - Exemplo de *plongée* e *contra-plongée*. Fonte: Netflix.

A profundidade de campo é a técnica que define intensidade do desfoque entre o objetivo focado, os elementos que estão fora de foco e os que não estão. Quando há poucos objetos ou apenas um em foco e o fundo é totalmente desfocado, a profundidade de campo é baixa. Quando todos os objetos da imagem estão em foco a profundidade é alta, como visto na figura 2.



**Figura 2** - Exemplo de profundidade de campo. Fonte: Netflix.

Segundo Silveira (2011) dentro da *Teoria da Cor*, pode-se estudar a cor sob três aspectos: fisiológico, cultural simbólico, e da percepção cromática. Silveira defende ainda que, é importante perceber que, além da cor ser propriedade dos objetos, a percepção acontece porque existem estímulos de luz que os olhos são capazes de decifrar. Porém, depois que esses estímulos são decifrados e codificados pela retina, são reconstruídos coletivamente em sua memória por meio de suas referências culturais. Nesse sentido, o fenômeno cor se torna um importante recurso para ser estudado, pois os tons terrosos são utilizado com predominância nas sequências analisadas.



**Figura 3** - Exemplo de tonalidade. Fonte: Netflix.

Os tópicos a seguir apresentam as características das sequências analisadas. “Uma sequência é uma série de cenas ou planos completa em si mesma” (MASCELLI, 2010, p.19). Dessa maneira as sequências a seguir apresentam as seguintes numerações: um, (capítulo - 12m: 1s - 15m: 2s), cinco (capítulo 7 - 3m: 50s a 07m: 50) e seis (capítulo 7 - 20:12- 21:52), fazendo referência a ordem da tabela 1.



## Apresentação das Convenções negras - Sequência 1

A primeira sequência analisada se inicia quando o estudante de jornalismo *Lionel Higgins* chega, com um gravador em mãos, na *Armstrong-Parker*<sup>10</sup> para acompanhar a reunião mensal da convenção negra. O estudante pretende fazer uma reportagem dos grupos das associações de alunos negros da universidade de Winchester.

Na porta, ele é recebido pela estudante *Samantha White*, que o guia até o sofá. Durante esse percurso, o movimento de câmera *travelling*<sup>11</sup> é utilizado. Quando a estudante se senta no sofá, o ângulo de câmera é alterado para *contra-plongée*. Logo em seguida, a jovem apresenta para *Lionel* os diferentes grupos inseridos dentro do movimento negro na universidade. Em continuidade, os estudantes iniciam uma reunião para debater acontecimentos racistas ocorridos no campus.



**Figuras 4 e 5** - Fonte: Netflix, imagens - Ep.1 12m: 1s - 15m: 2s

As figuras 4 e 5 foram gravadas pelo ângulo *contra-plongée*, que fornece um ponto de vista de superioridade para aqueles que são inseridos como ativistas dentro do movimento. A cena se inicia logo após um encontro de *Sam* com seu namorado *Gabe*. Nesse momento, é possível perceber que as luzes e as composições do cenário proporcionam uma mudança de tons levemente acinzentados para terrosos.

O cinza que, segundo Heller (2013), é considerado um tom inamistoso e hostil, é utilizado na composição da primeira aparição de *Gabe* no seriado, enquanto na cena seguinte, que é o primeiro quadro da reunião das convenções negras no seriado, os tons quentes

<sup>10</sup> A irmandade de maioria afrodescendentes do campus.

<sup>11</sup> É o movimento de câmera em que o fotógrafo se desloca no espaço com objetivo de acompanhar o objeto.

utilizados fornecem aos personagens em primeiro plano equilíbrio e harmonia, de acordo com Gomes Filho (2014). Nesse sentido, pode-se inferir que a cor é utilizada para criar uma relação de confiança entre os personagens negros e o telespectador.

É perceptível também que, quando *Sam* apresenta ao repórter a convenção UAAA<sup>12</sup>, o ângulo de câmera muda para normal, evidenciando a ideia de inferioridade incumbida ao movimento pela personagem na narrativa. Nesse contexto, essa concepção pode ser interpretada como emancipatória, visto que esse grupo - UAN<sup>13</sup> - representa a resistência negra mais forte dentro da instituição de ensino. Segundo Kossoy (1999 p.44), “[..] a interpretação concede uma leitura plural das imagens, que proporciona a concepção de imagens mentais. Imagens estas que agem com filtros ideológicos, culturais, morais, éticos”

### Múltiplos Discursos - Sequência 5

A sequência se inicia com a chegada dos personagens em uma reunião para discutir possíveis ações contra a atitude do policial ao apontar a arma para o estudante *Reggie*. Nessa sequência é perceptível que o ângulo de câmera muda de *plongée* quando está em *Samantha*, para *contra-plongée* quando vai para *Gabe* fazendo com que o personagem pareça acuado. É válido trazer à memória que esse episódio mostra a visão de *Gabe* sobre os fatos ocorridos e, duas vezes dentro desta cena, as gravações da reunião são interrompidas<sup>14</sup> por delírios e sonhos do personagem.

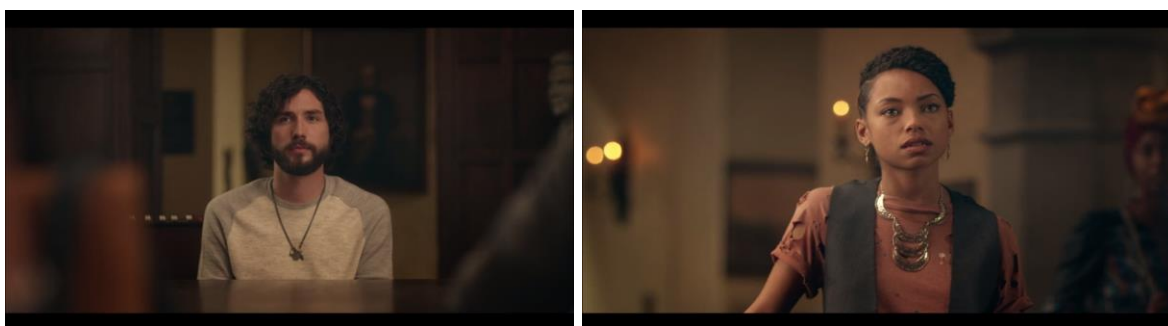
Nessas cenas é notável também que a alta profundidade de campo é utilizada para reforçar os posicionamentos ideologicamente divergentes de *Troy Fairbanks* e *Samantha White*. Enquanto um se propõe a fazer uma reunião pública com a administração para resolver as tensões raciais da universidade, a outra pretende fazer um protesto no dia da reunião proposta por *Troy*. Ambos têm seus apoiadores que aparecem à frente de seus grupos, como se os representassem. Nesse sentido, a profundidade de campo alta, enfatiza as expressões de concordância dos estudantes.

<sup>12</sup> União de alunos afro-americanos, convenção negra universitária fictícia.

<sup>13</sup> União dos alunos negros, convenção negra universitária fictícia.

<sup>14</sup> Delírios de Gabe (5:29 - 5:45) - (6:41-6:58)

Nas figuras 6 e 7, é possível verificar mais uma vez o ângulo *contra-plongée*, profundidade de campo baixa e a presença de tons terrosos na composição do cenário<sup>15</sup>. “Uma boa composição é a disposição de elementos visuais para formar um todo unificado e harmonioso” (Mascelli, 2010). Além disso, a escolha da baixa profundidade de campo é utilizada para colocar um personagem em destaque, com uma relação de figura e fundo demarcada.



**Figuras 6 e 7** - Fonte: Netflix, imagens episódio 7 - 3m: 50s a 07m: 50

Além da relação de figura e fundo, nota-se que a cor predominante na narrativa é o marrom, que, segundo Heller, (2013, p. 473) é a cor mais rejeitada socialmente, o que é um indício que a cor foi escolhida para fortalecer a ideia de exclusão.

### **As desculpas de Gabe - Sequência 6**

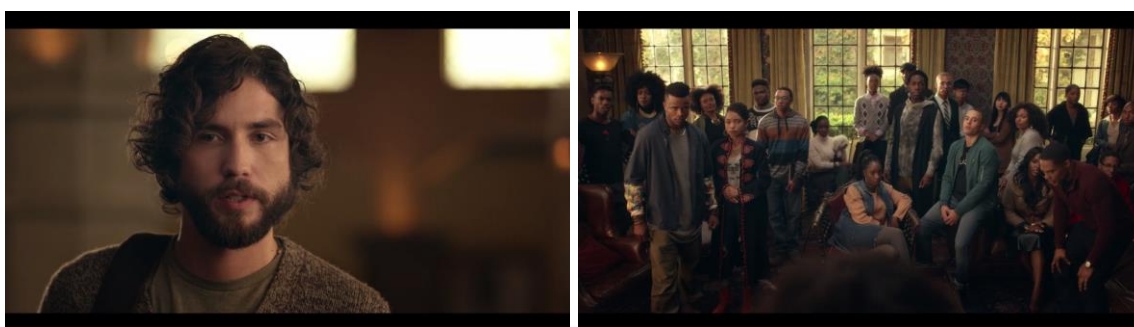
Nessa sequência, *Gabe* aparece na reunião do conselho para se desculpar com *Samantha* por ter chamado a polícia durante a festa em que *Reggie* foi discriminado. Nesse momento, o personagem é apresentado com uma profundidade de campo baixa - figura 8 - enquanto os outros personagens são gravados com alta profundidade - figura 9. Esse elemento é utilizado para mostrar a exclusão de *Gabe* e reforçar a união do grupo.

A baixa profundidade de campo - representado na figura abaixo - faz com que o personagem fique descontextualizado da cena pois, como o fundo é desfocado, dá-se destaque apenas ao objeto em foco, dando assim a impressão de que *Gabe* não faz parte daquele lugar. Enquanto, na segunda cena, a alta profundidade pode provocar a sensação de

<sup>15</sup> Atores, móveis, objetos.

união e força do grupo. As duas cenas dão a sensação de um confronto direto entre *Gabe* e a fraternidade, justificando a oposição entre o branco e o negro - estabelecendo o viés político da série. A segunda cena - ilustrada na figura 9 - é abordada pela visão de *Gabe* que demonstra como o personagem vê os demais.

Nota-se também a presença da “*semelhança*” - uma das leis da *Gestalt* - que mostra que as cores e formas dos elementos também são aspectos relevantes para fortalecer a união do grupo, conforme expressa Gomes Filho (2014), “A igualdade de forma e cor desperta também a tendência de se construir unidades, isto é, de estabelecer agrupamentos de partes semelhantes.” (Gomes Filho, 2014).



**Figuras 8 e 9** - Fonte: Netflix, imagens episódio 7 - 20:12- 21:52

Além da “*semelhança*”, é possível inferir que o uso da cor marrom é utilizado para tirar o foco do personagem *Gabe*, único personagem branco entre os protagonistas, pois a cor está presente também nos elementos que compõem o cenário. Segundo Heller (2013, p. 478), o marrom retira o caráter das outras cores que forem acrescentadas a ele e rouba a individualidade das cores básicas. Outrossim, os personagens negros da série já são exaltados por outros aspectos técnicos como enquadramento, ângulo e “*semelhança*”, bem como, por seus discursos e pela própria narrativa construída, enquanto *Gabe* é frequentemente apagado.

Ao comparar a representação dos personagens negros de *Dear White People* com a de outra *websérie* produzida pela Netflix, *Orange is the New Black*, a promoção dessa nova ótica fica ainda mais evidente - conforme visto na figura 9 - o ângulo *plongée* é utilizado para evidenciar a situação de vulnerabilidade social das detentas, reforçando o estereótipo de exclusão social das personagens negras.



Figura 10 e 11 - Fonte: Netflix: Imagens - Ep 1

É válido comparar as diferenças entre as paletas de cores nas figuras 5, 6, 7, 8 e 9 - cenas de *Dear White People* - com relação às figuras 10 e 11 - cenas de *Orange is The New Black*. Dessa maneira, fica perceptível que os tons terrosos são um importante fator na composição das cenas da série analisada demonstrando como esses tons foram essenciais para dar um novo apelo à narrativa dentro do audiovisual. Em *Orange is the New Black* é possível perceber a presença de tons acinzentados, que acabam reforçando o argumento da pesquisadora Eva Heller (2013) de que o cinza é inamistoso e hostil.

### Considerações Finais

Após as pesquisas, foi possível compreender que os aspectos estéticos aqui elencados - ângulo, profundidade de campo e cor - foram utilizados para fortalecer a ideia do produto audiovisual, que se propõe a valorizar do papel do negro, apresentando-o de uma forma distinta de como vem sendo representada tanto nas produções brasileiras<sup>16</sup> quanto nas estadunidenses.

A seleção dos autores contribuiu para averiguar o potencial imagético das cenas, levando em consideração significantes e significados. Ao fazer menção aqui a Martine Joly, que analisa os elementos plásticos e icônicos dentro da fotografia, buscou-se evidenciar sua contribuição em uma narrativa audiovisual, que se faz presente pelo embasamento teórico na produção de sentidos. Gomes Filho, ao introduzir a “*semelhança*” da teoria da *Gestalt*, foi indispensável para analisar as cenas em que os personagens negros aparecem em conjunto,

<sup>16</sup> Exemplo de produções que abordam a desigualdade racial, a violência e a criminalidade no Brasil: *Cidade de Deus* (2002), *O homem que copiava* (2003), *Ó Paí, ó* (2007).

fortalecendo a ideia de coletividade, fator essencial dentro de um movimento social. A luz das teorias de Heller (2013), foi possível inferir que a série pode proporcionar um novo significado ao marrom, trazendo harmonia à composição, diferente de como a cor é representada socialmente.

É importante ressaltar que o aspecto social é um fator muito importante nesse seriado, por se tratar de uma narrativa pautada no racismo institucional, no protagonismo negro e no colorismo. *Dear White People* é uma narrativa satírica, que ressalta até mesmo os problemas internos do movimento negro, mesmo assim, esse aspecto não foi considerado neste estudo por se tratar de uma análise de aspectos plásticos.

Além das questões sociais da narrativa, a presença do *close*, enquadramento, linha, superfície, luz e sombra, são fatores que contribuem também para a composição das cenas e são elementos que poderão ser estudados em futuras análises.

#### **Referência audiovisual:**

Tina Mabry, Barry Jenkins, Charlie McDowell. Roteiro: Justin Simien. Produtores: Jamie Neese, Stephanie Allain, Julia Lebedev. **Dear White People**. Estados Unidos, 2017. Netflix.

Jenji Kohan, Sara Hess e Tara Herrmann Produtores: Jenji Kohan, Sara Hess, Tara Herrmann. **Orange Is The New Black**. Estados Unidos, 2013. Netflix.

#### **Referência bibliográfica:**

BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um Manual prático**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.189-217.

COGO e outros. Negros na mídia/negros fazendo mídia. **Revista RS Negro**, Rio Grande do Sul, v. 38, n. 9, p. 21-23, set. 2010.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma João Gomes Filho**. Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2015.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, v. 3, 2000

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Papyrus editora, 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Ateliê Editorial, 1999.

KUNZ, Marinês Andrea; MAGALHÃES, Magna Lima; DUARTE, Cláudia Santos. Ficção, história e representação: o negro na telenovela Lado a Lado. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 28 (p.187-202) 2015.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**; tradução Paulo Neves; revisão técnica Sheila Schvartman. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem**. São Paulo, SP: Summus, 287 Biblioteca fundamental de cinema. 2010

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

SILVEIRA, Luciana Martha. **Introdução à teoria da cor**. 1. ed. Curitiba, PR: Ed. UTFPR, 2011.